

A autoridade da pregação do Cristo Crucificado em 1Cor 1,18-25

*The authority of the preaching of the Crucified Christ in
1Cor 1,18-25*

Waldecir Gonzaga
Marcelo Lessa

Resumo

O tema da cruz de Cristo, ou do Crucificado, ainda se mostra de trato delicado entre os cristãos. Alguns preferem pautar sua cristologia sobre o aspecto triunfalista, no Cristo ressuscitado; outros depositam sua reflexão sob a ótica da estaurologia, a partir da Cruz. É sobre esta última perspectiva que este estudo se debruça. Tem como escopo fazer uma reflexão teológica, fundamentada na Escritura, a partir da cruz de Cristo e sob a perspectiva da autoridade que esta confere à pregação cristã. Como primeiro passo, faz-se uma análise exegética de 1Cor 1,18-25, oferecendo texto grego e tradução, usando algumas etapas do Método Histórico-Crítico, para que se consiga identificar os elementos que enriqueçam a reflexão bíblico-teológica. A seguir, oferece-se uma trajetória da presença do tema da cruz desde a Igreja nascente até os dias atuais. Sob uma abordagem através da história dos efeitos do texto, analisa-se a cruz de Cristo, apresentando-a como marca eclesial através da história, como também o Crucificado como aquele que confere autoridade ao anúncio da Igreja. Reflete-se ainda a respeito da ação pastoral da Igreja a partir da mensagem do Cristo Crucificado, escândalo e loucura para alguns, mas que, na verdade, é salvação para a humanidade.

Palavras-chave: Paulo. 1Coríntios. Cruz. Sabedoria. Sinais. Pastoral. Autoridade.

Abstract

The theme of the Christ's Cross, or the Crucified, remains a delicate subject among Christians. Some prefer to base their Christology on a triumphalist aspect, on the risen Christ; however, others focus their reflection from the perspective of stauology, from the Cross. This study focuses on the latter perspective. Its aim is to offer a theological reflection, grounded in the Scripture, starting from the cross of Christ and under the perspective of the authority it confers upon Christian preaching. As the first step, an exegetical analysis of 1Cor 1,18-25 is conducted, providing the Greek text and translation, using some stages of the Historical-Critical Method, so that can identify elements that enrich the reflection biblical-theological. Following this, a trajectory of the presence of the theme of the cross from the early Church to the present day is offered. Through an approach that considers the history of the effects of the text, the cross of Christ is analyzed, presenting it as an ecclesial hallmark throughout history, as well as the Crucified as the one who confers authority upon the proclamation of the Church. It also reflects on the pastoral action of the Church based on the message of the Crucified Christ, which is a scandal and folly to some but is, in truth, salvation for humanity.

Keywords: Paul. 1Corinthians. Cross. Wisdom. Signals. Pastoral. Authority.

Introdução

A mensagem do Evangelho, que a Igreja se propõe a anunciar através dos milênios, sempre foi tida como sinal de esperança para muitos e de um discurso vazio para uns outros. Entretanto, ela se mantém presente em todo o mundo e se atualiza conforme os momentos históricos em que toca, sem perder sua essência a despeito daqueles que tentam diminuir sua importância. Por isso, é possível dizer que o Evangelho não é apenas uma construção literária para narrar a vida de Jesus de Nazaré sob a perspectiva teológica. O Evangelho é uma pessoa, o próprio Cristo, como afirma Prólogo (Jo 1,1-18: o *Logos* que se faz carne), dinâmica, que se permite interpretar de acordo com o substrato social onde Ele queira repousar. E é pessoa porque não se trata de palavra estática, mas é o próprio Verbo de Deus que se encarna (Jo 1,14) para cumprir o que outrora era apenas promessa. Esta realidade evangélica constitui a missão dos Apóstolos que transmitem aos bispos a missão de ensinar.¹ Pois é esta personalidade do Evangelho que está presente em toda a trajetória da Igreja, porque sua fé não é de uma “religião do Livro”, mas de uma “religião da Palavra de Deus, do Verbo

¹ DV, 7.

encarnado e vivo.² Por isso, há maneiras diferentes de viver o Evangelho, mas todas entrelaçadas pela mesma mensagem fundamental: o evento pascal de Jesus Cristo.

Entretanto, essa novidade trazida por Jesus não passa por ninguém deixando-o incólume. Tanto no âmbito pessoal como no comunitário, o anúncio da mensagem de Jesus deixa alguma marca. Agrega a muitos, mas causa divisão em outros (Lc 12,51-53). É uma mensagem completamente nova, onde o menor é maior, onde o servo passa a ser amigo, onde os pecadores precedem os religiosos piedosos, onde Deus se faz humano e onde a morte de cruz é a vitória absoluta e definitiva. Aqueles que se fecham dentro de seus conceitos pré-estabelecidos certamente têm maior dificuldade na aceitação do Evangelho.

A comunidade de Corinto talvez seja o exemplo mais claro de divisão causada pelo equívoco na recepção do Evangelho de Jesus, representado opções apresentadas: de Paulo, de Apolo, de Cefas ou de Cristo etc., sendo que todos são de Cristo e não de seus enviados (1Cor 1,12). A substituição da mensagem primordial do Evangelho, ensinado pelos Apóstolos, por elucubrações puramente humanas, vai rachando a comunidade e exige uma intervenção de Paulo. Há a necessidade de recordar a comunidade a respeito de sua missão como portadora de uma mensagem que representa escândalo e loucura para aqueles fechados à Boa-Nova de Jesus. Falar da simplicidade imensurável contida na cruz de Cristo confunde a prepotência da sabedoria fugaz do ser humano. Essa aparente miséria do Crucificado é, na verdade, o símbolo que confere autoridade ao anúncio da Boa-Nova que as comunidades cristãs traziam, trazem e trarão até a consumação dos tempos.

Dessa forma, se o discurso eclesial se apoia pura e unicamente nos conceitos humanos, filosóficos, acaba se transformando em algo fugaz, uma falácia, sendo o comunicador deste discurso como um parlapatão. Por isso, a mensagem que a Igreja anuncia não pode ser outra diferente do Cristo Crucificado, e é esta cruz que referenda o anúncio, ou melhor, o Crucificado é o âmago do Evangelho e é quem dá autoridade ao Evangelho, para que este realmente seja recebido e atuado como Boa Nova. E o ser humano, para Paulo, é alguém que está crucificado com Cristo e morre todos os dias com Ele, sendo um sinal antecipado da promessa escatológica. Com isso, o Apóstolo “eclesializa” a pessoa e marca sua certeza de salvação na Igreja, através da autoridade outorgada a ela pela pregação do Crucificado.³

Escolher um texto paulino para tratar do tema da cruz de Cristo como sinal de Salvação pela autoridade de sua mensagem se deu por dois motivos: primeiro, porque o texto de 1Cor 1 desenvolve com maestria este tema; segundo, porque o *Corpus Paulinum* apresentou poucas dificuldades de aceitação no Cânon ao longo da história, compondo

² VD, 7.

³ BALTHASAR, H. U. V., *The Glory of the Lord*, p. 321.

desde sempre todas as Bíblias cristãs.⁴ Todas as listas de livros considerados inspirados na era cristã contém as obras paulinas, ainda que com ordene diferentes dos livros em seu arranjo. Inclusive no cânon de Marcião, que fez uma verdadeira mutilação nas listas, as cartas autenticamente paulinas são contempladas.⁵ Portanto, 1Coríntios traz uma certa segurança no estudo por não se correr o risco de restringi-lo a um segmento confessional.

A abordagem a respeito do tema da cruz de Cristo em 1Cor 1,18-25 traz uma série de elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma boa teologia da cruz. Esse tema espinhoso para os intelectuais da época, é trabalhado com profunda habilidade por Paulo. A dificuldade de aceitação da mensagem da cruz talvez seja pela grandiosidade de Corinto. Esta cidade era capital da província romana de Acaia, um grande centro urbano e, por isso, atrativa a grandes filósofos e suas correntes intelectuais sofisticadas, mas também contava a presença de pessoas rudes avessas à cultura.⁶

É sobre esse substrato cultural que surge a Igreja de Corinto, influenciada, de certa forma, pelas religiões helenísticas que abarcam um amplo espectro, mas também recebendo tradições de um judaísmo florescente à época. E é neste cenário de tensão que Paulo percebe a necessidade de enfatizar a figura do Cristo Crucificado como núcleo da pregação cristã e como imagem de autoridade do anúncio da Igreja. Se os sábios e o religiosos ortodoxos, aprisionados em suas próprias convicções, classificam a cruz como loucura e escândalo, significa dizer, então, que a sabedoria, a força e a autoridade serviço de Deus se revela na humilhação salvífica do Crucificado, como se lê em 1Cor 1,23-24, revelando o poder e a autoridade da Cruz de Cristo.

Quando enfatiza o Crucificado como conteúdo que traz significado ao anúncio cristão, Paulo já finca os pilares da teologia que a Igreja preserva e da qual é guardiã através dos milênios: toda a Sagrada Escritura aponta para Cristo e somente n'Ele encontramos seu sentido pleno.⁷ Por isso, a pregação da Igreja não se dá por ela mesma, mas vem carregada de uma autoridade que repousa sobre o cerne da fé cristã, o evento pascal de Cristo. É uma autoridade autêntica porque não se confunde com o autoritarismo humano, mas se consolida pelo cumprimento da promessa salvífica de Deus em Jesus, obediente, livremente, até o fim, até a morte e morte de cruz.

1. Segmentação e tradução de 1Cor 1,18-25

O ponto de partida para o estudo realizado é a investigação técnica do texto bíblico em sua língua original. Para tal, utiliza-se o texto do Novo Testamento de Nestle-Aland,⁸ em sua 28^a

⁴ GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento, p. 23-24.

⁵ GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*, p. 386-387.

⁶ BORING, M. E., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 395-397.

⁷ DV, 4.

⁸ NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece* (2012).

edição (NA28), bem como seu aparato crítico como referência principal na análise crítica do texto. A segmentação e a tradução são realizadas pelos autores deste estudo auxiliados por léxicos, dicionários e gramáticas. O vocabulário empregado por Paulo, para a construção de seu raciocínio, revela uma fina teologia da cruz.

Quadro 1 – Segmentação e tradução de 1Cor 1,18-25.

Ὁ λόγος γὰρ ὁ τοῦ σταυροῦ τοῖς μὲν ἀπολλυμένοις	18a	A mensagem da cruz , para aqueles que, de fato, (estão) perdidos,
μωρία ἐστίν,	18b	é loucura .
τοῖς δὲ σωζόμενοις ἡμῖν	18c	Entretanto, para aqueles que estão salvos, para nós,
δύναμις θεοῦ ἐστιν.	18d	é poder de Deus .
γέγραπται γάρ·	19a	Pois, assim está escrito:
ἀπολῶ τὴν σοφίαν τῶν σοφῶν	19b	Vou destruir a sabedoria dos sábios
καὶ τὴν σύνεσιν τῶν συνετῶν ἀθετήσω.	19c	e a inteligência dos inteligentes anularei.
ποῦ σοφός;	20a	Onde (está) o sábio?
ποῦ γραμματεὺς;	20b	Onde (está) o escriba?
ποῦ συζητητῆς τοῦ αἰῶνος τούτου;	20c	Onde (está) o debatedor deste século?
οὐχὶ ἐμώρανεν ὁ θεὸς τὴν σοφίαν τοῦ κόσμου;	20d	Deus não tornou louca a sabedoria do mundo?
ἐπεὶ γὰρ ἐν τῇ σοφίᾳ τοῦ θεοῦ οὐκ ἔγνω ὁ κόσμος διὰ τῆς σοφίας τὸν θεόν,	21a	Já que, em sua sabedoria , o mundo não conheceu (a) Deus na sabedoria de Deus,
εὐδόκησεν ὁ θεός	21b	agradou a Deus,
διὰ τῆς μωρίας τοῦ κηρύγματος	21c	através da loucura da pregação,
σῶσαι τοὺς πιστεύοντας·	21d	salvar aqueles que creem.
ἐπεὶ καὶ Ἰουδαῖοι σημεῖα αἰτοῦσιν	22a	Porque os judeus pedem sinais

καὶ Ἕλληγες σοφίαν ζητοῦσιν,	22b	e os gregos buscaram sabedoria .
ἡμεῖς δὲ κηρύσσομεν	23a	Nós, porém, pregamos (proclamamos)
Χριστὸν ἐσταυρωμένον,	23b	Cristo (tendo sido) crucificado.
Ἰουδαίους μὲν σκάνδαλον ,	23c	Para os judeus, um escândalo ;
ἔθνεσιν δὲ μωρίαν ,	23d	para os gentios, uma loucura .
αὐτοῖς δὲ τοῖς κλητοῖς,	24a	Porém, para aqueles (que são) chamados,
Ἰουδαίους τε καὶ Ἕλλησιν,	24b	(sejam) judeus ou gregos,
Χριστὸν θεοῦ δύναμις	24c	Cristo é poder de Deus
καὶ θεοῦ σοφία .	24d	e (é) a sabedoria de Deus.
ὅτι τὸ μωρὸν τοῦ θεοῦ σοφώτερον τῶν ἀνθρώπων ἐστίν	25a	Porque a loucura de Deus é mais sábia do que a (<i>sabedoria</i>) dos homens;
καὶ τὸ ἀσθενὲς τοῦ θεοῦ ἰσχυρότερον τῶν ἀνθρώπων.	25b	e a fraqueza de Deus é mais forte do que a (força) dos homens.

Fonte: texto grego da NA28; tradução e tabela dos autores.

2 Notas de tradução e de crítica textual

No que tange à crítica textual, não há variantes que possam oferecer alguma modificação semântica no texto. Isso significa que o texto foi bem conservado na transmissão até chegar a nós. Ainda assim, apontam-se as que possuem alguma relevância, mesmo que não sejam instrumentos de uma crítica formal: no v.18 – A tradição latina omite ἡμῶν, provavelmente uma variante de tradução; e no v.20 – tem-se a adição do pronome τούτου após o substantivo κόσμου de acordo com as testemunhas \mathfrak{B}^{11} \mathfrak{K}^2 C^3 D^1 F G L Ψ 104. 365. 1241. 1505. 1739^c. 1881 M sy sa^{ms} bo^{pt} ; $C1^{pt}$ $Epiph^{pt}$ txt \mathfrak{B}^{46} \mathfrak{K}^* A B C^* O^* P 33. 81. 630. 1175. 1506. 1739* 2464 al sa^{ms} bo^{pt} ; $C1^{pt}$ $Spec$. Neste mesmo versículo, o substantivo γραμματεὺς é um termo técnico que quer designar o judeu especialista da Lei; embora aqui aplica-se a todos os instruídos.

3 Análise de 1Cor 1,18-25

Segundo o texto de At 18,2, ao chegar em Corinto, Paulo instala-se na casa de Áquila, um judeu vindo de Roma após o edito do imperador Claudio que determina a

saída de todos os judeus da cidade.⁹ Em Corinto, Paulo exerce seu ministério efetivamente durante dezoito meses, pelo menos (At 18,11). Neste intervalo, outros mestres cristãos visitam Corinto e levam a Paulo notícias da Igreja de lá. Depois de ter enviado uma carta que se perdeu, chamada de “pré-canônica” e mencionada em 1Cor 5,9 (“Em minha carta eu vos escrevi que não tivésseis relações com impudicos”), Paulo encaminha Timóteo a Corinto e escreve uma segunda carta, que é a atual 1Coríntios, para tratar dos assuntos que chegavam até ele.¹⁰

Para se compreender o sentido da exortação paulina em relação à cruz, é preciso, primeiramente, identificar o problema que leva o apóstolo a enfatizar em seu discurso a figura do Cristo crucificado. O primeiro ponto é a situação de divisão presente na comunidade de Corinto, tendo em vista possíveis lideranças e/ou correntes que já estariam se formando na comunidade de Corinto; por isso, Paulo suplica que não haja divisões entre os irmãos (1Cor 1,10). Sua preocupação é o esvaziamento da mensagem da Cruz de Cristo pela cizânia, que acaba fragmentando o próprio Cristo na Igreja (1Cor 1,13), destruindo o poder e a autoridade da Cruz do Senhor Jesus Cristo.¹¹ Outro problema é o “horror chocante” provocado pela realidade da crucificação no séc. I d.C.; tal punição era reservada aos escravos, aos estrangeiros, aos bárbaros, causando assim um imenso incômodo se tratar do assunto nas conversas da época.¹²

Por isso, Paulo lança uma luz sobre a sombra da divisão e da incompreensão na comunidade de Corinto, sublinhando a característica fundamental da Igreja nascente, dentro da diversidade se manter unida sob a mesma marca da fé. E esta marca se coloca em oposição à autossuficiência humana; tudo o que foi anunciado pelos profetas agora se realiza no evento da cruz de Cristo.¹³ Portanto, o tema central do texto de 1Cor 1,18-25 é a divisão da comunidade causada pela autossuficiência humana depositada em conceitos de sabedoria em oposição à mensagem da Cruz de Cristo, com adesão a possíveis representantes de correntes que já estariam surgindo na comunidade de Corinto. A Cruz é apresentada como um símbolo de unidade que revela toda a sabedoria imensurável de Deus e sua potência que atribui autoridade ao anúncio da Igreja. Paulo desenvolve o tema de forma bem organizada numa trajetória crescente dos elementos. Diante disso, propõe-se a seguinte estrutura de 1Cor 1,18-25:

A – Introdução ao tema da Cruz de Cristo (v.18)

B – Argumentação com texto veterotestamentário (v.19)

⁹ CARREZ, M., La Primera Carta a los Corintios, p. 7.

¹⁰ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, p. 397-398.

¹¹ FITZMEYER, J. A., First Corinthians, p. 138.

¹² CARSON, D. A., A Cruz e o Mistério cristão, p. 15.

¹³ FEE, G., 1 Coríntios, p.76.

C – Questionamento do conhecimento humano em relação à sabedoria divina (v.20-22)

D – Natureza do *kerygma* da Igreja (v.23)

E – Construção antitética entre sabedoria humana e sabedoria de Deus (v.24-25)

3.1. Anunciar o Evangelho é a missão de Paulo

O v.17 serve como um elo entre o tema do batismo e o tema do anúncio do Evangelho feito por Paulo. Não há a menor pretensão de mostrar uma oposição entre um ministério sacramental e um ministério de anúncio, até mesmo porque, para Paulo, tanto o Batismo quanto a Ceia do Senhor transmitem o Evangelho da morte e ressurreição de Cristo de igual maneira (Rm 6,3-11; 1Cor 11,23-27).¹⁴

Quadro 2 – 1Cor 1,17: Primazia do anúncio do Evangelho

<p>οὐ γὰρ ἀπέστειλέν με Χριστὸς βαπτίζειν ἀλλ' εὐαγγελίζεσθαι, οὐκ ἐν σοφίᾳ λόγου, ἵνα μὴ κενωθῆ ὁ σταυρὸς τοῦ Χριστοῦ.</p>	<p>Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar o Evangelho, não pela sabedoria do discurso, para que não seja anulada a cruz de Cristo.</p>
---	--

O problema comunitário presente notadamente no v.17 vem sendo desenvolvido desde o v.10: a divisão da comunidade em facções. Os grupos da comunidade de Corinto promovem disputas entre si provocando a fragmentação da mensagem do Evangelho, criando rivalidade e disputas de poder e de domínio de um grupo e/ou corrente sobre os demais membros da comunidade. Por esse motivo, a abertura da carta, em sua linha final (1Cor 1,9), chama a atenção da Igreja de Corinto para a **comunhão**, característica fundamental do cristianismo: “πιστὸς ὁ θεός, δι’ οὗ ἐκλήθητε εἰς **κοινωνίαν** τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν/*Deus é fiel, por meio do qual fostes chamados à **comunhão** em seu Filho, Jesus Cristo, Senhor nosso*”.

O fato de alguns coríntios estarem dando demasiado valor à sabedoria humana, fez com que as atenções se voltassem ao orador, ficando a mensagem da cruz em segundo plano.¹⁵ Assim, no v.17 a palavra “σοφία/*sabedoria*” aparece pela primeira vez na carta, mas relacionada ao λόγος humano, como “discurso”. Não à toa o verbo “βαπτίζω/*batizar*” aparece no mesmo versículo.

¹⁴ THISELTON, A. C., The first Epistle to the Corinthians, p. 142-143.

¹⁵ MORRIS, L., I Coríntios, p. 43.

Aqui o tema do batismo vai dando lugar ao da pregação do Evangelho, não para anular ou diminuir o ato sacramental, mas para confirmar a missão de Paulo em Corinto. Por isso, Paulo batiza poucos; porque evangelizar era sua incumbência, e isso já consumia todo o seu tempo e todas as suas energias:¹⁶ “οὐ βαπτίζειν... ἀλλ’ εὐαγγελίζεσθαι/ não para batizar..., mas para pregar o Evangelho”. Assim, a conjunção γὰρ (*porque*) liga diretamente a palavra de Paulo à cruz de Cristo.

O mesmo termo “λόγος/palavra/discurso” é utilizado no v.18, com valor semântico diferente do uso presente no v.17 (*palavra; mensagem*). Paulo separa, com isso, “σοφία λόγου/sabedoria do discurso/da palavra”, de “λόγος τοῦ σταυροῦ/a mensagem/palavra da cruz”. O λόγος humano, está relacionado ao discurso, à sabedoria humana, às “palavras”. O λόγος τοῦ σταυροῦ não é simplesmente um discurso; o λόγος aqui é a Palavra, uma mensagem de significado teológico, carregada de autoridade, para um acontecimento histórico, que liberta e salva.¹⁷

A habilidade retórica de Paulo confere a ele a liberdade de usar o termo λόγος em sentidos diferentes, alertando a comunidade de Corinto quanto ao perigo de usar a técnica discursiva dos filósofos gregos dentro da pregação do Evangelho.¹⁸ O antagonismo entre a “σοφία λόγου/sabedoria do discurso” humano e a “λόγος τοῦ σταυροῦ/mensagem da cruz” de Cristo é o tema que está presente em toda a perícope que analisamos aqui.

3.2. Sinais e sabedoria: a pequenez da soberba humana

A divisão entre os membros da comunidade é um tema bem marcado pelo apóstolo Paulo. Há um grupo que busca sinais (judeus) e outro que busca sabedoria (gregos). Sendo ele mesmo um judeu nascido em cultura helenística, sabe bem caracterizar adequadamente cada grupo, distinguindo um de outro¹⁹ e procurando ajudar ambos, para que se pautem pela sabedoria e autoridade da Cruz e não por vaidades humanas.

A reivindicação dos judeus é por sinais. Na perspectiva judaica, um sinal é a prova de que Deus fala ou age; deve ser um evento prodigioso, extraordinário, que demonstre a verdade do que se está afirmando e/ou crendo.²⁰ Os Evangelhos relatam várias vezes essa “exigência” dos judeus em relação à ação ministerial de Jesus (Mt 12,38-39; Mc 8,11-12; Lc 11,16; Jo 2,18;6,30). Para eles, os sinais tinham a função de localizar sua situação dentro da promessa da História da Salvação, pois, por exemplo,

¹⁶ BOOR, W., 1 Coríntios, p. 46.

¹⁷ KISTEMAKER, S., Comentário ao Novo Testamento, p. 83.

¹⁸ PERKINS, P., First Corinthians, p. 51-52.

¹⁹ KISTEMAKER, S., Comentário ao Novo Testamento, p. 90.

²⁰ McKENZIE, J. L., Sinal, p. 804-805.

a ressurreição constitui um sinal de ponto de virada cósmico.²¹ Isso porque a necessidade dos sinais reflete uma expectativa messiânica judaica. Um Deus que sempre agiu em favor deles enviaria o Messias prometido para restaurar a antiga glória de Israel operando poderosamente.²² Nesta perspectiva, a imagem de um crucificado está em desacordo com um Messias glorioso, pois, “um suspenso (no madeiro) é um maldito de Deus” (Dt 21,23; Gl 3,13).

Entretanto, Paulo não coloca em oposição judeus e gregos por conta da terminologia, visto que para ele “σημεῖα/sinais” e “σοφία/sabedoria” são variações acerca de um mesmo tema e de uma mesma realidade salvífica, diante da sabedoria e da autoridade da Boa Nova de Cristo. Judeus que nasceram nas cidades de Tarso, Corinto, Roma e Alexandria, assimilaram muito bem a cultura greco-romana, não havendo uma antítese entre os dois termos na estrutura de pensamento deles.²³ O que está em questão é que judeus e gregos têm motivos diferentes para negar a mensagem e a autoridade da cruz, mas ambos o fazem, de maneira semelhante.

Porque a pregação de Paulo se destina inicialmente a judeus, mas, de imediato, atinge principalmente o mundo helênico, o conceito de sabedoria ganha força no texto. O termo “σοφία/sabedoria” com suas variantes aparece sete vezes em 1Cor 1,18-25, enquanto o termo “σημεῖα/sinais” aparece somente uma vez. Por isso, a sabedoria abordada por Paulo vai no sentido da vantagem filosófica e do poder que aqueles que a possuem podem exercer sobre os que não a têm.²⁴ Nesta lógica da sabedoria grega, Deus precisa caber no sistema intelectual e na visão de mundo helenística; um Deus (ou um Filho de Deus) que encerra uma vida precária numa morte miserável, suspenso em uma ignominiosa cruz, é uma loucura, digna de risos irônicos dos doutos.²⁵

O orgulho que os gregos sentiam acerca de sua elevada cultura, de sua filosofia especulativa, faziam-no desprezar os mais simples, olhar de cima para baixo para os chamados “bárbaros”.²⁶ Paulo não quer, entretanto, fazer uma separação entre nações, mas entre formas de pensamento e, principalmente entre os que rejeitam e os que aderem à mensagem da cruz, a seu poder e autoridade salvífica na pessoa do Crucificado-Ressuscitado. Por isso, estabelece uma tríade (judeus – gentios – cristãos) para anunciar que os últimos, vindos dos dois primeiros campos, receberam e têm uma mensagem de sabedoria tão superior à que possuem os dois primeiros e que, infelizmente, os soberbos não conseguem compreender.²⁷

²¹ THISELTON, A. C., The first Epistle to the Corinthians, p. 170.

²² FEE, G., 1 Coríntios, p. 84.

²³ PERKINS, P., First Corinthians, p. 55.

²⁴ FITZMEYER, J. A., First Corinthians, p. 159.

²⁵ BOOR, V., 1 Coríntios, p. 55.

²⁶ MORRIS, L., 1 Coríntios, p. 46.

²⁷ TURRADO, L., Hechos de los Apóstoles y Epístolas paulinas, p. 380-381.

3.3. A loucura escandalosa da cruz de Cristo

O ponto alto da perícope de 1Cor 1,18-25 é a teologia estauroológica de Paulo, focada no poder e autoridade salvífica da cruz de Cristo. Alguns membros da comunidade de Corinto tinham a tendência de se apegar a algum líder, fascinados por sua retórica,²⁸ o que deve ter levado a comportamentos de segregação e/ou tentativa de poder/domínio em relação aos demais membros da comunidade. O apóstolo já chama a atenção dos coríntios por estarem dividindo a comunidade, criando grupos que dizem estar ligados a Paulo, a Apolo, a Cefas... (1Cor 1,11-12). Esses grupos, seduzidos pelo discurso humano eloquente, se distanciam da missão primordial das comunidades cristãs. Esse é o motivo de Paulo recordar, com firmeza, a primazia da pregação cristã, bem como seu conteúdo: a humilhação de uma cruz que salva. Dessa forma, o discurso da cruz abre a perícope (v.18) e evolui, no v.23, para a pregação do Crucificado, para concluir afirmando que “a fraqueza de Deus é mais forte do que a força dos homens” (v.25b).

Paulo começa com uma mensagem (λόγος) da cruz em contraposição ao discurso intelectual, tanto da humana sabedoria dos judeus como da sabedoria filosófica dos gregos, sabendo usar da retórica para costurar seu raciocínio e transmitir sua mensagem em cada uma de suas cartas. Neste sentido, a Igreja não profere apenas um discurso, ela anuncia algo, prega uma realidade nova a partir do evento Cristo. A afirmação “ἡμεῖς δὲ κηρύσσομεν/νός, porém, pregamos” vem carregada de significados. A expressão “ἡμεῖς δὲ/νός, porém” introduz um contraste entre os sujeitos da situação. De um lado, há os que pedem sinais (judeus) e os que buscam sabedoria (gregos); do outro, os que pregam o Cristo Crucificado (os cristãos: “nós, porém”).²⁹ Essa construção serve como preparação para a novidade paulina aqui, a pregação da autoridade da cruz, com seu poder salvífico.

O uso do verbo “κηρύσσω/pregar” no tempo presente, na primeira pessoa do plural e precedido pela conjunção adversativa δέ/porém, aponta para uma realidade muito profunda, na qual se estabelece o cerne da fé cristã. O versículo precedente à perícope de 1Cor 1,18-25, o v.17 (versículo de transição) estabelece um contexto específico. Em 1Cor 1,17, Paulo afirma que foi enviado por Cristo para “εὐαγγελίεσθαι/evangelizar, pregar o Evangelho”.

A missão de pregar é atribuída ao apóstolo, uma incumbência pessoal, uma tarefa individual. Por isso, o verbo é utilizado na primeira pessoa do singular. Entretanto, o que era missão paulina evolui e passa a ser a missão da Igreja. Decerto, a evangelização é a função primordial da Igreja, ou seja, já nasce com ela, bem antes da conversão de

²⁸ CARSON, D. A., A Cruz e o Mistério cristão, p. 16.

²⁹ COLLINS, R. F., First Corinthians, p. 107.

Saulo/Paulo. Igreja e “κήρυγμα/anúncio” são realidades inseparáveis. Paulo não quer atribuir a si uma espécie de “inauguração” da pregação evangélica, mas quer mostrar à comunidade de Corinto que sua pregação pessoal só tem sentido porque ele está inserido na Igreja e nela, como corpo de Cristo, anuncia o Evangelho por estar conformado ao carisma eclesial, visto anunciar o que “por primeiro ele recebeu” (1Cor 15,3).

Se a Igreja de Corinto vai se distanciando de sua missão primeira, por estar seduzida pelos discursos sedutores da filosofia grega, Paulo quer recordar a natureza da missão da vida cristã. Por isso, em 1Cor 1,17, a missão pessoal passa a configurar-se como missão coletiva a partir do v.23. O “eu” dá lugar ao “nós”; a conjunção “δέ/porém” marca uma oposição ao pedido de sinais, pelos judeus, e à busca da sabedoria humana, pelos gregos, para se caminhar para a sabedoria e o poder da cruz, como os cristãos, como síntese; o verbo “evangelizar” está em oposição ao discurso humano eloquente, e sua forma plural aponta para uma missão de toda a Igreja.

A missão da Igreja é anunciar a Boa Nova. A mensagem pregada pelas comunidades cristãs não pode ser apreendida apenas pelo intelecto. A sabedoria humana não pode ser o único caminho para a sabedoria de Deus; a via da fé é o que leva a pessoa à plenitude da revelação, seja judia ou grega, para que posso aderir, de fato, à natureza *kerygmática* da Igreja.³⁰

Na dimensão da missão, quem anuncia, anuncia alguma coisa. E o que a Igreja prega? Paulo enfatiza que o núcleo da pregação cristã é a mensagem da cruz, com seu poder e autoridade de salvação; mas não se trata de uma cruz qualquer, e sim da cruz de Cristo, mais especificamente “Χριστὸν ἐσταυρωμένον/o Cristo crucificado” (1Cor 1,23). Mas esse Deus crucificado representa um escândalo para os judeus e uma loucura para os gregos.

Para os judeus, é escândalo porque eles, ao longo da história, se demonstravam apegados aos fatos concretos, pouco propensos ao pensamento especulativo.³¹ Dessa forma, de fato, um crucificado jamais poderia ser o Messias, pois era esperado, nesta figura, o libertador definitivo de Israel. Jesus, então, representa justamente o oposto daquilo que os judeus ansiavam. A cruz era reservada aos seres humanos considerados mais baixos pelo Império Romano; isso havia se tornado uma mentalidade comum inclusive para os judeus. Um crucificado era um maldito de Deus na cultura judaica; basta visitar o texto de Dt 21,23: “pois o que for suspenso no madeiro é um maldito de Deus”.³² Teria que haver um sinal miraculoso e visível para convencer os judeus. Nesta perspectiva escatológica, um crucificado é um maldito, uma figura na contramão de um Messias libertador, por isso, um escândalo.

³⁰ CARSON, D. A., A Cruz e o Mistério cristão, p. 29.

³¹ MORRIS, L., I Coríntios, p. 45.

³² BLOMBERG, C. L., I Coríntios, p. 66.

Por outro lado, na estrutura do pensamento grego está sempre em busca pela sabedoria. Dessa forma, alguém que morre de maneira desonrosa não poderia ter nenhuma relação com a dimensão divina. É contraditório! Por isso, para os gregos, a mensagem da cruz ou a imagem de um Cristo crucificado é uma loucura. Percebe-se que Paulo usa um termo específico. Ele não fala de loucura, por exemplo, como “*ἄνοια/loucura*”, que significa loucura relacionada à falta de razão, à ignorância.³³

Paulo usa o termo “*μωρία/loucura*”, que trata da loucura relacionada ao aspecto emocional, uma loucura amorosa.³⁴ Visto que os gregos buscam conceber Deus como razão suprema, a partir das categorias consideradas como razoáveis,³⁵ fica claro que eles consideram a crença em um crucificado, ou seja, um fracassado, como algo que está apartado da razão, portanto, uma crença puramente emocional, uma “loucura afetiva”. Mas as categorias humanas não podem apreender a mensagem de Deus. A linguagem divina extrapola qualquer definição que as nossas concepções possam decretar. O que nos parece insensato, é a Sabedoria por excelência.

3.4. A autoridade na pregação do Crucificado

Há uma construção crescente no texto paulino quando se fala da linguagem da cruz, no v.18, para a especificação de quem está nesta cruz, no v.23. Não é apenas mais uma cruz e vazia, mas trata-se da cruz que comporta o Cristo Crucificado, salvador e redentor da humanidade, o Λόγος Encarnado. E este é o âmago da pregação cristã. O aparente fracasso percebido por judeus e gregos é um sinal de vitória absoluta sob a perspectiva dos crentes. Este grupo, segundo Paulo, é composto de judeus e gregos, da mesma forma que o grupo dos “incrédulos”, também formado pelos mesmos grupos étnicos. A diferença marcante é que o grupo que prega o Cristo Crucificado o faz a partir da experiência de fé, do poder e autoridade da cruz. Aqueles que aderem à simplicidade da fé evangélica são os capazes de compreender a mensagem da cruz e propagá-la pelo mundo.³⁶

Embora o termo “*ἐξουσία/autoridade*” não apareça na perícope de 1Cor 1,18-25, aqui trabalhada, e sim o termo grego “*δύναμις/poder*”, que aparece duas vezes na perícope: no v.18d, com a expressão “*δύναμις θεοῦ ἐστίν/é poder de Deus*”; repetida no v.24c, “*Χριστὸν θεοῦ δύναμιν/Cristo é poder de Deus*”, porém, tratam-se de dois termos do mesmo campo semântico: autoridade e poder. Isso se torna mais claro ainda quando se desenvolver uma hermenêutica acerca do sentido dos temas abordados e de todo o vocabulário utilizado por Paulo para a construção de seu raciocínio e

³³ LIDELL, H. G.; SCOTT, R., *ἄνοια*, p. 143.

³⁴ LIDELL, H. G.; SCOTT, R., *μωρία*, p. 1158.

³⁵ FEE, G., 1 Coríntios, p. 84.

³⁶ TURRADO, L., Hechos de los Apóstoles y Epístolas paulinas, p. 380-381.

argumentação. A pregação daqueles que são chamados, ou seja, da Igreja, traz em si a autoridade d'Aquele que a reúne. A autoridade da pregação da Igreja é a mesma presente no ensinamento de Jesus: “*διδάχη καινή κατ’ ἐξουσίαν/um ensinamento novo, com autoridade*” (Mc 1,27); “*ἦν γὰρ διδάσκων αὐτοὺς ὡς ἐξουσίαν ἔχων/porque Ele os ensinava como quem tem autoridade*” (Mt 7,29). A proclamação do Cristo Crucificado é, portanto, para a Igreja, fundamento de sua esperança de salvação escatológica.³⁷ Por isso, as comunidades primitivas já depositavam a autoridade de sua pregação na figura do Crucificado porque toda a autoridade do ensinamento de Jesus se plenifica na cruz, onde Deus reconcilia o mundo consigo mesmo (2Cor 5,19);³⁸ e é esta novidade de reconciliação que a Igreja tem a missão de anunciar.

Toda pretensão de autoridade do discurso humano é desmantelada diante da realidade da cruz de Cristo, a qual tem poder salvífico, ainda que na aparente humilhação. É este fato que Paulo coloca diante do mundo e da Igreja. Para o primeiro, como anúncio; para a segunda, como reafirmação de sua pregação. Assim, a pregação paulina, a qual deposita sua autoridade no Crucificado,³⁹ é a mesma pregação da Igreja, porque o Apóstolo usa o pronome “*ἡμεῖς/nós*” (1Cor 1,23), colocando-se como sujeito eclesial, que proclama o Evangelho com e na Igreja. E essa “comunidade de comunidades” é formada por “*τοῖς κλητοῖς/os chamados*”, sejam eles “*Ἰουδαίους τε καὶ Ἑλλησῶν/judeus ou gregos*” (1Cor 1,24b). Isso significa dizer que o chamado é para todos, desvinculado de relações étnicas, mas o anúncio é característica daqueles que se colocam receptivos à Boa Nova de Jesus.

Deve-se ressaltar a ordem dos termos: os judeus sempre mencionados antes dos gregos não é algo desprezível. De fato, o Evangelho é pregado primeiro aos judeus e depois se espalha pelo mundo pagão (Rm 1,16). Os que se deixam preencher pela experiência do Evangelho do Cristo Crucificado, o reconhecem e se fazem pregadores dessa novidade.⁴⁰ Sem distinção entre judeus e gregos, podemos perceber as características do cristão numa construção crescente feita por Paulo: os que são salvos (v.18) → são os que creem (v.21) → são os que pregam (v.23) → porque são chamados (v.24).⁴¹

Seguramente, a mensagem paulina no v.24 quer mostrar à comunidade de Corinto que qualquer pessoa, de qualquer origem étnica, pode ser tocada pelo Evangelho de Jesus e, com isso, encontrar sabedoria na cruz e o poder de transformar suas vidas.⁴² A consequência dessa conversão, ou melhor, desse deixar-se invadir pela

³⁷ MARTIN, R. P., 1 and 2 Corinthians, p. 95.

³⁸ MARTIN, R. P., 1 and 2 Corinthians, p. 95.

³⁹ COLLINS, R. F., First Corinthians, p. 92.

⁴⁰ COLLINS, R. F., First Corinthians, p. 107-108.

⁴¹ FITZMEYER, J. A., First Corinthians, p. 160.

⁴² BLOMBERG, C. L., 1 Corintios, p. 66-67.

grandeza do Crucificado, é a compreensão do que isto significa na vida pessoal e na vida eclesial. Assim, Paulo fecha sua argumentação no v.25 resumindo, de forma apoteótica, a verdade cristã que se contrapõe à pretensão da sabedoria humana. O apóstolo, então, constrói, cuidadosamente, um paralelismo antitético a partir das técnicas retóricas que ele conhecia muito bem.⁴³ A forma superlativa das sentenças enfatiza a supremacia divina:

A loucura de Deus $\xrightarrow{\text{é mais sábia do que}}$ a sabedoria humana

A fraqueza de Deus $\xrightarrow{\text{é mais forte do que}}$ a força humana

Nota-se o cuidado que Paulo tem no uso das palavras ao construir este paralelismo. Diferente do uso em relação aos humanos, o substantivo “μωρία/loucura” é substituído pelo adjetivo substantivado “μωρὸν/louco” para designar os atributos de Deus; da mesma forma que usa “ἀσθενὲς/fraco” no lugar de “ἀσθενία/fraqueza” para falar de Deus.⁴⁴ Com isso, Paulo marca a diferença entre “θεός/Deus” e os “ἄνθρωπὸν/humanos”. Neste versículo (v.25), usando termos que confrontam a sabedoria e poder humanos com a Sabedoria e Poder de Deus, o que fica marcado é que essa loucura escandalosa de Deus, explicitada no sinal do Cristo Crucificado, é “θεοῦ δύναμις/poder/força/potência de Deus”, marca definitiva da Salvação proposta desde a eternidade para todos nós.

Por fim, a loucura da pregação cristã, que anuncia o Crucificado, é o que revela a força de Deus. No que diz respeito à força ou ao poder divino, Paulo usa o termo “δύναμις/poder, força”; ele diferencia a força humana com a utilização do adjetivo “ισχυρός/forte”. Esse uso de vocábulos na construção do texto paulino quer colocar a sabedoria e o poder divinos contrastados com as categorias humanas semelhantes. Isso não exclui a responsabilidade do anúncio do Evangelho, mas alerta para o perigo de depositarmos toda nossa confiança nas capacidades humanas.⁴⁵ Por isso, pode-se encontrar, na pregação cristã dos primeiros séculos, a autoridade que a cruz de Cristo dá ao anúncio como força que vem de Deus.

A δύναμις, como força divina, pode ser entendida como o impulso que leva a Igreja a anunciar o Crucificado como tipo definitivo de salvação. A δύναμις divina é quem dá à

⁴³ COLLINS, R. F., First Corinthians, p. 108-109.

⁴⁴ COLLINS, R. F., First Corinthians, p. 108-109.

⁴⁵ TURRADO, L., Hechos de los Apóstoles y Epístolas paulinas, p.382.

Igreja a “ἐξουσία/autoridade” para o seu anúncio, autoridade essa como força moral e física entre os homens, porque, em última instância, toda a autoridade provém de Deus.⁴⁶

4. A Igreja como portadora da mensagem salvífica da cruz

Anunciar a Boa-Nova trazida por Jesus, fazendo com que aqueles que a ouvem e nela creem, sejam incorporados a Cristo pela fé que foi acolhida por livre adesão, é missão da Igreja.⁴⁷ Porém, o cerne desta novidade de Jesus se repousa sobre a mensagem da cruz que salva justamente porque não oprime e nem subjuga, pelo contrário, liberta de todo desejo de poder, através de sua profunda simplicidade e compromisso com a promoção do ser humano.

O anúncio do Crucificado, como centro da fé cristã não é uma criação da Igreja em seu período Medieval, Moderno ou até mesmo Contemporâneo. Desde os primeiros passos das comunidades cristãs, a cruz já se colocou com protagonista da evangelização. Os relatos dos autores do Novo Testamento enfatizam o caráter estauroológico da pregação cristã: Mt 10,38; 16,24-25; Mc 8,34; Jo 3,14; 12,32; At 2,23; Gl 2,20-21; Hb 12,2; 1Pd 2,24. Portanto, os textos redigidos nos primórdios do cristianismo já atestam a linguagem da cruz arraigada no discurso da Igreja.

Desde o período antigo, a Igreja se apresenta como mistério de comunhão (Igreja-mãe), onde a Palavra e a pregação ocupam um lugar central na sua atividade, sendo essas ações desempenhadas, sobretudo, pelos “πρεσβύτερου/presbíteros” e pelos “ἐπισκοπού/bispos” (At 11,30; 14,23; 15,2.4.6.22-23; 16,4; 20,17.28; 21,18; Fl 1,1; 1Tm 3,1; 4,14; 5,19; Tt 1,5; Tg 5,14; 1Pd 5,1-5; 2Jo 1,1; 3Jo 1,1).⁴⁸ O que se busca, neste momento, é apontar o conteúdo desta pregação, seu núcleo que se desdobra na *práxis* eclesial.

Gregório de Nissa, em “A Grande Catequese”,⁴⁹ defende a necessidade da morte de Cristo como consequência de sua natureza humana. Mas isso só se faz pela liberdade que Ele assume como próprio da condição divina. Somente um ser absolutamente livre pode assumir a morte de cruz em plena liberdade. E, segundo Gregório de Nissa, é através da cruz de Cristo que percebemos a presença divina em todos os seres. Sua descrição a respeito da dimensão cósmica da cruz, nos demonstra como essa linguagem que parece loucura aos doutos, mostra-se como sinal da Salvação de Deus presente na pregação da Igreja:

⁴⁶ GONZAGA, W., A verdade do Evangelho (Gl 2,5.14) e a autoridade na Igreja, p. 475.

⁴⁷ LG, 17.

⁴⁸ BRIGHENT, A., A pastoral dá o que pensar, p. 22.

⁴⁹ NISSA, G., A grande catequese, p. 157.

Com efeito, é próprio da divindade penetrar todas as coisas e estender-se em todas as partes da natureza dos seres vivos; porque nada poderia subsistir no ser se não permanece naquele que é; e, de outro lado, a natureza divina existe no sentido próprio e primeiro, e a subsistência dos seres exige categoricamente que se acredite em sua presença em todos os seres. Tudo isso o aprendemos por meio da cruz, cuja figura se distribui em quatro partes, de sorte que, partindo do centro, para o qual tudo converge, se contam quatro prolongamentos; aprendemos o seguinte: aquele que sobre ela foi estendido no momento oportuno segundo o plano de salvação através da morte é o mesmo que estreita e ajunta a si mesmo o universo reunindo mediante a sua pessoa as diversas naturezas dos seres em um só acordo e uma só harmonia.⁵⁰

Percebe-se, então, que desde os primórdios da Igreja, a cruz de Cristo se impõe como o centro da pregação e como o fundamento da Salvação de Deus. A fé no Cristo Crucificado é de tamanha importância que passa a ser constituinte da profissão de fé da Igreja, como se professa no Credo Niceno-Constantinopolitano: “Creio em um só Senhor, Jesus Cristo...também por nós foi crucificado”.⁵¹ Assim como o Símbolo Apostólico professa a fé em Cristo Crucificado, a Igreja, guardiã da fé apostólica, proclama ao mundo essa linguagem da cruz que tem o poder de redimir e salvar.

4.1. O sinal da cruz como marca eclesial

A linguagem da cruz é, certamente, marca fundamental da pregação da Igreja. Mas também, acaba sendo constitutiva do material simbólico que atravessa os milênios e chega até nossos dias. A cruz como marca eclesial, portanto, vai se moldando em todas as formas de linguagem da Igreja. No que concerne à simbologia artística, a Igreja Católica, bem como igrejas Anglicana e Luterana, traz no interior de seus templos, esculturas do Cristo Crucificado; nas Igrejas Ortodoxas, essa presença se dá por majestosos ícones.

Em outras igrejas da Reforma, há resistência em adotar imagens, ainda que seja do Cristo Crucificado, por conta da interpretação bíblica relativa à idolatria ou ainda pelo acento triunfalista de sua teologia, isto é, a ênfase no Cristo Ressuscitado e Glorioso. Entretanto, não se quer aqui destacar as diferenças de compreensão da figura do Crucificado entre as diversas formas de cristianismo. O que importa é refletir, no âmbito católico, a marca da cruz de Cristo que nos caracteriza. E começamos por nosso Credo. Creio no Cristo que foi crucificado, mas de que forma?

Para se responder a essa pergunta, faz-se necessário refletir a maneira pela qual Jesus chega até a cruz. Se se leva em consideração que a morte de Jesus tenha sido uma

⁵⁰ NISSA, G., A grande catequese, p. 157.

⁵¹ Trecho do Credo Niceno-Constantinopolitano.

expição para satisfazer um Deus ofendido e irado, como realça Chittister, nossa espiritualidade se mostra vacilante, revelando uma face masoquista de Deus que, certamente, não está n'Ele.⁵²

Essa visão reducionista do mistério da cruz acaba afastando os crentes/fiéis do caminho trilhado por Jesus como uma “existência para os outros”, como alguém que faz de sua vida uma doação constante aos últimos e descartados da sociedade de então; e se Jesus foi alguém “para os outros”, essa realidade se deve ao fato de Ele ser primeiramente alguém “para Deus”.⁵³ O ser para os outros a partir do ser para Deus é o que revela o sentido salvífico da morte de Jesus e conforma a Igreja como anunciadora da Salvação pela mensagem da cruz porque essas duas realidades – Igreja e Crucificado – já não mais se separam.

Porque se afirma que a pregação da Igreja e a mensagem da cruz formam uma só realidade, entende-se que a caminhada eclesial segue os passos de Jesus de Nazaré. Nos caminhos do Cristo de Deus, a Igreja firma sua jornada sob o signo, poder e autoridade da cruz, pois Jesus “sofrendo por nós, não só nos deu exemplo, para que sigamos os seus passos, mas também abriu um novo caminho, em que a vida e a morte são santificadas e recebem um novo sentido”.⁵⁴ Quando a Igreja reza “creio em Jesus... crucificado”, ela assume também os motivos que levaram Jesus à cruz: amor, misericórdia, paz e justiça. Esse é o apogeu da vida humana, é a forma que molda a Igreja; e o pecado, ou seja, toda ação que vai na contramão desses conceitos, crucificou Jesus na sua época e continua crucificando-O nos tempos atuais.⁵⁵

A missão da Igreja é, então, comungar do gesto salvífico de Cristo, denunciando o pecado do mundo, anunciando uma nova lógica trazida pelo sinal que carrega consigo, o Cristo Crucificado. Os mártires de ontem e de hoje não deixam cair no esquecimento a essência missionária da Igreja sob o sinal da cruz, porque compreenderam e apreenderam do próprio Cristo Jesus que: “aquele que não toma sua cruz e não me segue não é digno de mim” (Mt 10,38).

4.2. Ação pastoral a partir do Crucificado: perspectivas e desafios

Ao falar da missão da Igreja como anunciadora do Cristo Crucificado, não pode ser possível deixar de falar de sua ação pastoral. Isso porque ela não anuncia algo abstrato, mas uma realidade evidente que é a cruz de Cristo, com o crucificado, jamais sem Ele ou fora d'Ele. A cruz vazia pode ser esvaziada de Seu significado, correndo o risco de representar nada mais do que duas traves de madeira encaixadas entre si. O que

⁵² CHITTISTER, J., Para aprofundar o Credo, p. 140.

⁵³ MIRANDA, M. F., A Salvação de Jesus Cristo, p. 76-77.

⁵⁴ GS, 22.

⁵⁵ CHITTISTER, J., Para aprofundar o Credo, p. 140-141.

de fato dá significado soteriológico à cruz é a presença de Jesus Cristo nela, do daquele que nela foi Crucificado. Ainda que esteja vazia, o que se vê nela é o Crucificado; sua contemplação ensina muito sobre o próprio ser humano e sobre aquilo que Deus quer comunicar.

A partir do Gólgota de Jesus de Nazaré, há uma exigência implícita que nos impele ao encontro daqueles que vivem suas vias-crúcis em nossos dias. Dentro do *tria munera Ecclesia* que compõe o ser e o agir da Igreja (pastoral profética, pastoral litúrgica e pastoral do serviço/comunhão), o que se quer é enfatizar a dimensão do serviço – “*διακονία/diaconia*” como ação eclesial mais prática, isto é, aquela que as pessoas conseguem perceber com maior facilidade.

Tendo visto a dimensão da autoridade-serviço (“*ἐξουσία/autoridade*” e “*δύναμις/poder*”), é preciso também compreender o que a “*διακονία/diaconia, serviço*” significa para e na Igreja. Em sua origem, a palavra *διακονία* era designada ao serviço prestado pelos escravos na Grécia Antiga. Era um termo pejorativo porque não era aplicada a homens livres, mas exclusivamente aos escravos. No seio da Igreja ela vai ganhando um novo valor semântico, se transformando num termo paradoxal assim como se vê no texto de 1Cor 1,18-25, perícopo base para este estudo. No cristianismo, a *διακονία* vai se transformando no serviço ao outro e aquele que serve se transforma no maior a partir do exemplo de Jesus (Mt 20,28; Lc 22,26-27; Jo 13,14).⁵⁶ Se Jesus dá exemplo de *διακονία*, quais são aqueles prioritários em sua ação e serviço?

O Evangelho segundo Mateus talvez seja o mais enfático no que diz respeito aos “preferidos de Deus” que Jesus vem revelar. Os famintos, os sedentos, os forasteiros, os desnudados, os doentes e os encarcerados são aqueles a quem primeiro se destina a ação salvífica de Deus (Mt 25,31-46). Mas, não é uma ação divina monocrática; não que Ele não pudesse, mas porque Ele quer contar conosco. Por isso, Jesus afirma: “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Eis o ponto central do discurso e da ação de Jesus; Ele não só direciona a ação pastoral da Igreja aos pobres, mas se faz como eles.

Esse movimento de Jesus foi bem assimilado pela Igreja, especialmente a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965). Segundo Müller e Gutiérrez,⁵⁷ adotando a “opção preferencial pelos pobres”, a Igreja nos convida a falar de justiça e dos deveres cristãos que são consequências desta fala. Preferência pelos pobres não significa preterir os demais, mas seguir e preservar a universalidade do amor de Deus que sempre mostra predileção pelos últimos da história, no amor concreto ao próximo.⁵⁸ Dessa forma, a

⁵⁶ BRIGHENT, A., A pastoral dá o que pensar, p. 129-130.

⁵⁷ MÜLLER, G. L.; GUTIÉRREZ, G., Ao lado dos pobres, p. 118.

⁵⁸ GONZAGA, W., O amor de Deus e do próximo na *Gaudium et Spes* 16 e 24, p. 15-39.

“opção preferencial pelos pobres” é teocêntrica e a bússola que guia a ação da Igreja no mundo.

Se já foi dito que os preferidos de Deus são os mais pobres e que Jesus radicaliza essa preferência se fazendo como eles, nos resta perguntar-nos como perceber os pobres entre nós hoje. Uma coisa se pode afirmar que, simbolicamente, os que sofrem são representados pelo Cristo Crucificado. E neste sentido a cruz de Cristo é sinal de salvação porque permite que a ação pastoral da Igreja seja direcionada, preferencialmente, àqueles crucificados em nossas sociedades. Não é possível perder de vista que o mundo construído pelos seres humanos é extremamente injusto e excludente.

O último levantamento realizado pela ONU revela que 281 milhões de pessoas foram ameaçadas pela fome em 2023, isso significa que 21,5% da população mundial vive sob insegurança alimentar.⁵⁹ Apenas 1% da população mundial detém quase 2/3 da riqueza gerada no mundo desde 2020.⁶⁰ Estes são apenas dois dados apontados diante de tantos outros geradores de pobreza no mundo. A concentração de renda gera pobreza em todas as suas vertentes. Seria preciso um outro estudo para se aprofundar este assunto. Aqui, o objetivo é indicar a ação pastoral da Igreja como linguagem escandalosa diante de um mundo tão desigual. Eis nosso maior desafio enquanto sujeitos eclesiais. A partir da mensagem da cruz de Cristo, anunciar a Salvação que Deus oferece a todos sob o signo do madeiro, ignominioso aos olhos do mundo, mas salvífico aos olhos e no coração de Deus.

Aqueles que sofrem se identificam com o Crucificado, e, ao mesmo tempo incorporam a linguagem antagonica que Paulo constrói, segundo 1Cor 1,18-25. A pobreza da cruz denota também oportunidade de Salvação porque, afinal de contas, é por essa cruz que o mundo é salvo (1Cor 1,18). Os pobres, nesta perspectiva salvífica pela cruz, são sujeitos da própria libertação em Deus, pois depositam sua confiança nas pessoas e não nas coisas, têm consciência de sua interdependência entre e si e de sua dependência em Deus, por isso colaboram uns com os outros e são “felizes” (Mt 5,1-12; Lc 6,20-23)⁶¹ e nunca devem ser esquecidos no agir da Igreja (Gl 2,9-10),⁶² pelo contrário, devem ser sempre considerados como o critério eclesial de pertença à Igreja, como insiste o Papa Francisco, na EG 195.⁶³

Não se trata de uma felicidade por alienação ao sofrimento, mas porque o Evangelho traz em si uma mensagem de esperança que atinge em cheio os que sempre

⁵⁹ Dados extraídos da matéria de Priscila Yazbek no site da CNN Brasil.

⁶⁰ Dados obtidos no site da Oxfam Brasil.

⁶¹ BINGEMER, M. C., Teologia latino-americana, p. 69.

⁶² GONZAGA, W., Os pobres, o amor ao próximo e a prática do bem em Gálatas 2,10; 5,14 e 6,9. p. 207-228.

⁶³ GONZAGA, W., Os pobres como “Critério-Chave de autenticidade” Eclesial (EG 195), p. 75-95.

são colocados como últimos da história. Neste sentido, a Igreja precisa sempre se colocar como diaconisa do mundo, a que serve os últimos, fazendo-se última com eles. Nossa ação pastoral precisa estar sob a loucura escandalosa da mensagem da cruz, onde Jesus assume nossa humanidade e morto desce à nossa miséria para elevar-nos a todos em seu corpo ressuscitado.⁶⁴ Não existe Ressuscitado sem o Crucificado, Eles são o mesmo Jesus que exige de nós uma ação no mundo voltada para aqueles invisíveis da sociedade.

Conclusão

No caminho percorrido durante este estudo, o que fica marcado, obviamente, é o signo da cruz, como ponto central da fé, em seu poder e autoridade, e, conseqüentemente, da pregação da Igreja. Mas não se trata de uma cruz de forma genérica, o que está em questão é aquele que dá sentido e poder a ela: o Cristo de Deus nela elevado. A perícopa paulina de 1Cor 1,18-25 finca os alicerces das reflexões que foram surgindo ao longo dos milênios na caminhada Igreja acerca do mistério da cruz de Cristo. É impossível separar a cruz e Cristo; ambos formam uma só realidade que plenifica as promessas de Salvação desde os Patriarcas.

O que antes era expectativa se torna realidade a partir do Crucificado. Não se trata de enaltecer o sofrimento, mas de marcar a liberdade de um Deus que assume a condição humana com a única finalidade de elevar cada mulher e cada homem à sua estatura e dignidade. E isso se faz livremente, obedientemente a si mesmo, na Trindade, até à cruz (Fl 2,5-11). Essa cruz nos salva porque nela resplandece a luz do Crucificado. É a partir dela que Ele, o Ressuscitado, inaugura para nós a vida eterna no Eterno e traduz o divino no tempo e no espaço. Então, uma realidade se torna clara para o cristão consciente de sua fé: o Ressuscitado é o mesmo Crucificado e não pode existir um sem o outro. A ressurreição só é possível a partir da cruz. E é este signo que nos liberta e salva.

Esta salvação que a Igreja anuncia só se torna legítima quando ela proclama a fé no Crucificado. É Ele quem nos confere autoridade na pregação. Nisso está a grande novidade do cristianismo. Um Deus de feitos extraordinários, que maravilha os olhos humanos, talvez fosse mais coerente às expectativas dos que buscam sinais e sabedoria. Entretanto, o Evangelho é uma questão de experiência. Só quem experimenta um Deus que é capaz de morrer e morrendo vence a morte permanentemente abrindo-nos as portas da eternidade, pode se sentir impelido em propagar essa novidade. Um Deus das “últimas conseqüências” tem autoridade sobre todas as coisas e, portanto, “transfere” esta autoridade àqueles que aceitaram anunciar sua salvação a partir da cruz de Cristo.

Se, como salvas, todas as pessoas se tornam partícipes do Mistério Pascal de Cristo, então, todos os que creem se tornam portadores da missão de anúncio da

⁶⁴ BRIGHENT, A., A pastoral dá o que pensar, p. 130.

Salvação consumada no alto da cruz. Esse é o símbolo (como aquele que une) que marca a Igreja. Os crucifixos que carregamos no peito, que temos em nossos altares pessoais e que estão presentes em nossos templos, não podem virar meros amuletos, mas devem ser um sinal do profundo Mistério que ele representa e que rasga o véu do projeto salvífico que Deus tem para toda a humanidade. A loucura e o escândalo (1Cor 1,23) que estão impregnados no breve saber humano, para nós, é força de salvação (1Cor 1,24) que vem do Pai, por Jesus, na ação do Espírito Santo. Mas, não se trata de algo puramente transcendente e distante de nós. Pelo contrário, a cruz é uma realidade que nos toca e nos envia, especialmente para os que mais sofrem.

Por isso, como sujeitos eclesiais, precisamos desenvolver nossa ação pastoral com e na Igreja sob o signo da cruz que nos leva ao encontro dos desvalidos. A linguagem da cruz implica comungar com Jesus e com seus projetos em favor dos irmãos, especialmente dos mais sofredores. Abraçar a fé no Crucificado nos coloca em condição de diaconia, de serviço aos que mais precisam, na contramão da lógica de um mundo individualista e excludente. A sabedoria do mundo é efêmera, mas a cruz de Cristo é a loucura escandalosa que salva a todos.

Referências Bibliográficas

BALTHASAR, Hans. U. V. **The Glory of the Lord**. A theological aesthetics. Seeing the form. San Francisco: Ignatius Press, 1982. V. I.

BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Loyola, 1998.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2012.

BINGEMER, Maria Clara. **Teologia latino-americana**. Raízes e ramos. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2017.

BLASS, Friedrich.; DEBRUNNER. Albert. **A Greek Grammar of the New Testament** and other early Christian literature. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1961.

BLOMBERG, Craig L. **1 Coríntios**. Del texto bíblico a una aplicación contemporánea. Grand Rapids: Zondervan, 2013.

BOOR, Verner. **1 Coríntios**. Comentário Esperança. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2004.

BORING, M. Eugene. **Introdução ao Novo Testamento**: Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus: 2015.

BRIGHENT, Agenor. **A pastoral dá o que falar**. A inteligência prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas, 2011.

CARREZ, Maurice. **La primera carta a los Corintios**. Estella: Verbo Divino, 1989.

CARSON, Donald A. **A cruz de Cristo e o ministério cristão**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2009.

CHITTISTER, Joan. **Para aprofundar o Creio**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CNN BRASIL. **Fome bate recorde e atinge mais de 280 milhões no mundo, diz relatório da ONU**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/priscila-yazbek/internacional/fome-bate-recorde-e-atinge-mais-de-280-milhoes-no-mundo-diz-relatorio-da-onu/#:~:text=Link%20Copiado!-,Fome%20bate%20recorde%20e%20atinge%20mais%20de%20280,mundo%2C%20diz%20relat%C3%B3rio%20da%20ONU&text=00%201.0x-,Mais%20de%20uma%20em%20cada%20cinco%20pessoas%20em%2059%20pa%C3%ADses,no%20ano%20passado%2C%20um%20recorde>>. Acesso em: 09 jul 2024.

COLLINS, Raymond. F. **First Corinthians**. Collegeville: The Liturgical Press, 1999.

COLLINS, Raymond. F. **First Corinthians**. Collegeville: The Liturgical Press, 1999.

COLLINS, Raymond. F. **First Corinthians**. Collegeville: The Liturgical Press, 1999.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Dei Verbum**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium et Spes**. São Paulo: Paulinas, 2011.

FEE, Gordon D. **1 Coríntios**. Comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2019.

FITZMYER, Joseph A. **First Corinthians**. A New Translation with Introduction and Commentary. New Haven: Yale University, 2008.

GONZAGA, Waldecir. **A verdade do Evangelho (Gl 2,5.14) e a autoridade na Igreja**. Gl 2,1-21 na exegese do Vaticano II até os nossos dias. História, balanço e novas perspectivas. Santo André: Academia Cristã, 2014.

GONZAGA, Waldecir. Os pobres como “Critério-Chave de autenticidade” Eclesial (EG 195). In: PORTELLA AMADO, Joel; AGOSTINI FERNANDES, Leonardo, *Evangelii Gaudium em Questão*. PUC-Rio/Paulinas, Rio de Janeiro/São Paulo, 2014, p. 75-95.

GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, Isidoro; FERNANDES, Leonardo Agostini; CORRÊA LIMA, Maria de Lourdes. **Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-235.

GONZAGA, Waldecir. O amor de Deus e do próximo na *Gaudium et Spes* 16 e 24. In: FERNANDES, Leonardo Agostini (org.). *Gaudium et Spes em questão*. Reflexões bíblicas, teológicas e pastorais. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 15-39.

GONZAGA, Waldecir. Os pobres, o amor ao próximo e a prática do bem em Gálatas 2,10; 5,14 e 6,9. In: COSTA, C. L. F.; COSTA, L. A. F. P.; SILVA, V. (orgs.). *Justiça e Santidade entre o Ideal Humano e o Divino*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018, p. 207-228.

GONZAGA, Waldecir. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento, *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, jan./abr.2017, p. 19-41. Doi: <<https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>>.

GONZAGA, Waldecir. **Compêndio do Cânon Bíblico**. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro, EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

KISTEMAKER, Simon. **1 Coríntios**. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LIDELL, Henry G.; SCOTT, Robert. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013

MARTIN, Ralph P. **1 and 2 Corinthians**. Word Biblical Themes. Grand Rapids: Zondervan, 1988.

McKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983.

MIRANDA, Mario F. **A Salvação de Jesus Cristo**. A doutrina da graça. São Paulo: Loyola, 2004.

MORRINS, Leon. **1 Coríntios**. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Noda, 1986.

MÜLLER, Gerhard L.; GUTIÉRREZ, Gustavo. **Ao lado dos pobres**. Teologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2014.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n10a02

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**: 28th edition. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NISSA, Gregório. **Patrística**. São Paulo: Paulus, 2011. V. 29.

OXFAM BRASIL. **O 1% mais rico do mundo embolsou quase duas vezes a riqueza obtida pelo resto do mundo nos últimos dois anos**. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/noticias/o-1-mais-rico-do-mundo-embolsou-quase-duas-vezes-a-riqueza-obtida-pelo-resto-do-mundo-nos-ultimos-dois-anos/>>. Acesso em: 09 jul 2024.

PAROSCHI, Wilson. **Crítica Textual do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

PERKINS, PHEME. **First Corinthians**. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.

SCHOLZ, Vilson. **O Novo Testamento Interlinear** grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

TURRADO, Lorenzo. **Hechos de los Apóstoles y Epístolas paulinas**. Biblia Comentada VI. Madrid: L A Editorial Catolica, 1965.

THISELTON, Anthony. C. **The First Epistle to the Corinthians**. The New International Greek Testament Commentary. Grand Rapids: Eedermans, 2000.

Waldecir Gonzaga

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália)
Diretor do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Rio de Janeiro
Rio de Janeiro/RJ – Brasil.
Email: waldecir@puc-rio.br

Marcelo Lessa

Mestrando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).
Rio de Janeiro/RJ, Brasil.
Email: mslessa@gmail.com

Recebido em: 01/08/2024

Aprovado em: 30/09/2024